



Mulheres marcham contra violência em Angola

Em Luanda, centenas de mulheres marcharam, este sábado (25.11), contra a violência sexual, doméstica e institucional. Os homens aderiram também à manifestação.



Sob o lema "Parem de Matar as Mulheres", a marcha foi uma iniciativa da Ondjango Feminista, um movimento de emancipação feminina na sociedade angolana, em parceria com outras organizações. Durante o percurso foram exibidos cartazes com dizeres como "surra não", "tenho direito e mereço respeito", "maternidade não é matadouro", entre outros.

Em marcha, as mulheres também protestaram dizendo "marido vem aqui assumir o teu filho", "general, tira mão do meu terreno" e "polícia, zungueira é tua mãe", uma clara alusão à fuga à paternidade, expropriação de parcelas de terra de camponesas e [maus tratos às vendedoras ambulantes](#). Ao longo da marcha muitas zungueiras juntaram-se à manifestação com os seus produtos sobre a cabeça.

"Estamos a sofrer, aqui a corrida é demais. Batem-nos a toda hora com porrete. Os agentes da polícia e os fiscais dão-nos corrida até na estrada", desabafa a zungueira Julieta Joaquim Carvalho.



Zungueiras também aderiram à manifestação em Luanda

Presença de homens

A marcha não contou apenas com mulheres. Os homens também se mostraram solidários com a causa e percorreram as ruas da cidade de Luanda, manifestando o seu repúdio aos atos de violência contra a mulher.

Benedito Umbassanju é técnico de saúde num dos hospitais de capital. Ele explicou as suas razões: "De uma ou de outra forma, todos fazemos parte de uma sociedade que infelizmente está muito agressiva e a mim, enquanto profissional de saúde que atendo todos os dias no meu consultório pessoas vítimas de violência sexual e física, isto preocupa-me porque também me afeta".

O técnico de saúde disse ainda que os casos que recebe são assustadores. "Diriamente eu atendo entre 9 a 10 casos de pessoas abusadas sexualmente e algumas acabaram por resultar em gravidez", revelou.

Filomeno Vieira Lopes, docente universitário e político do Bloco Democrático coligado à Convergência Ampla de Salvação de Angola – Coligação Eleitoral (CASA-CE), também se juntou à iniciativa. "A marcha tem muita razão de ser. Nós estamos numa sociedade muito violenta, com muitos problemas sociais, como o desemprego. E a violência é uma situação que se instala quase que de maneira natural".

Violência contra a mulher vai ao Parlamento

Em Angola, o debate sobre a violência contra a mulher intensificou-se com o [assassinato da jornalista da Televisão Pública de Angola \(TPA\)](#), Beatriz Fernandes, em outubro passado.

Para combater este tipo de violência, as mulheres vão fazer algumas exigências às instituições do Estado. Ao Executivo, o grupo de mulheres vai pedir "a observação e cumprimento escrupuloso para eliminar as práticas nocivas assumidas no âmbito do protocolo de Maputo bem como a criação de condições materiais para materializar as medidas administrativas contidas na Lei Sobre Violência Doméstica", segundo o manifesto da Ondjango Feminista.



Também querem que, "no âmbito de funcionamento da Assembleia Nacional, se programe um debate nacional sobre a reforma do setor de segurança pública com vista a permitir uma abordagem e uma política integradora de segurança pública", lê-se ainda no manifesto.

Em declarações a DW África, Navita Ngolo, deputada pela bancada parlamentar da União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA), disse que vai intermediar junto da Assembleia Nacional para que o assunto seja discutido no Parlamento.

"Acho que é uma causa que eu devo ajudar e abraçar o grupo de mulheres que vai avançar com esta iniciativa. Podemos fazer parte da recolha de assinaturas para influenciar junto dos grupo parlamentares", disse a deputada que faz parte de um grupo de mulheres parlamentares.



Mulheres angolanas querem que o combate à violência seja discutido no Parlamento

Filomeno Vieira Lopes também afirmou apoiar que a violência contra a mulher seja debatida no Parlamento, "para que se encontrem respostas que possam ser dadas para travar este fenómeno e para que haja maior segurança em relação as mulheres".

Os próximos passos

Há, em Luanda, alguns movimentos de emancipação mulheres, como o Odjango Feminista e Mulheres Prendadas. Mas Laura Macedo, da organização da marcha, é de opinião que muito ainda deve ser feito.



"Continua a não haver emancipação. As mulheres continuam a ser maltratadas, violadas. Todos os dias há relatos de violação contra a mulher nos becos, nos bairros, na rua, nos candongueiros, e nós não vemos nenhuma tomada de medidas". A ativista pensa que "todos nós temos mãe, todos nós temos irmãs e todos nós temos que as proteger".

Para os próximos dias, está previsto o envio de um manifesto, contendo as preocupações que estiveram na base da realização da marcha, às entidades competentes. A organização lamenta o facto de não ter comparecido nenhuma entidade governamental na marcha.

"É uma pena não encontrar ninguém das autoridades. Esperava encontrá-las aqui para nos ouvir. Porque nós sabemos que muitas destas autoridades acompanham-nos no Facebook e lamentavelmente não está aqui ninguém", lamenta Laura.

O Largo das Heroínas foi o término da marcha em Luanda. No local, foram ouvidas mensagens de repúdio e testemunhos de vítimas de abuso sexual, física e institucional. No final, Laura Macedo estimou que cerca de 300 pessoas, entre mulheres e homens, participaram da atividade, por isso, entende que "adesão superou as pespetivas".

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mulheres-marcham-contraviol%C3%Aancia-em-angola/a-41531862>